

Artigo de revisão | *Review***Panorama das conquistas da criança durante a primeira infância***Panorama of the child achievements during the early childhood*Luíza Lameirão¹¹Pedagoga WaldorfEndereço eletrônico:
luiza.lameirao@gmail.com**Palavras-chave:** Brincar; habilidade corporal; desenvolvimento infantil; linguagem; imitação; memória.**Key words:** *Playing; body ability; child development; language; imitation; memory.***RESUMO**

Três aspectos do desenvolvimento da criança são abordados do ponto de vista das conquistas realizadas por ela, nos sete primeiros anos de vida. O desenvolvimento da criança em seus aspectos corporais, linguísticos e cognitivos passa por transformações significativas. A movimentação incessante proporciona a transformação do corpo e a aquisição de habilidades. O reconhecimento da voz humana e a imitação de gestos, especialmente os fisionômicos, advêm da abertura e confiança da criança na relação com o adulto. Por fim, depois de um longo período de imitação, a criança vivencia a liberação da memória para o aprendizado. Estas conquistas acontecem por meio da atividade que é inerente à criança do primeiro setênio: o brincar.

ABSTRACT

Three aspects of the child development are covered from the perspective of his/her achievements in the first seven years of life. The child development in physical, linguistic and cognitive aspects undergoes significant changes. The incessant movements provide the transformation of the body and the acquisition of abilities. Recognition of the human voice and the imitation of gestures, especially the physiognomic ones, come from openness and confidence of the child in his/her relationship with the adult. Finally, after a long period of imitation, the child experiences the liberation of the memory for learning. These achievements take place through the activity that is inherent in the child's first septenium: playing.

Reflexões acerca da vida humana nos levam a constatar que as conquistas que a criança realiza ao longo do primeiro setênio são o fundamento para o edifício que é a vida humana, a base para a autonomia posterior. Qual é a autonomia que a criança conquista durante os primeiros sete anos de vida?

A TRANSFORMAÇÃO DO CORPO

Durante os primeiros sete anos de vida, a maior tarefa da criança é transformar o modelo corpóreo que ela recebeu dos pais e, dessa forma, apropriar-se da morada em que ela habitará durante toda a vida terrena. A criança remodela o corpo herdado, tornando-o congruente com a forma que ela precisa e essa remodelagem atinge até seus ossos; por exemplo, o fêmur nasce como um osso cilíndrico que vai se “torcendo”, faz a “cabeça” e desenvolve a articulação com o joelho por meio da exercitação corporal. A transformação dos ossos está vinculada à superação do peso da gravidade ao longo do processo de crescimento. Essa modelagem ganha aperfeiçoamento até os sete anos de vida. O corpo todo parte da forma arredondada e indefinida e se transforma, torna-se mais rico em detalhes. A criança modela a cintura, a curvatura da coluna e expande o tórax. Toda a forma corpórea se estabelece durante o primeiro setênio. Após esse período a forma se mantém e o corpo apenas cresce. Esse trabalho no corpo é consequência de uma corrente atuante que se expressa na direção cefalocaudal, desde a concepção; podemos compará-la à modelagem que o artista plástico realiza em seu trabalho, uma força que Rudolf Steiner chama de plástico-pictórica.¹

Lievegoed descreve a transformação fisiológica característica da criança que conquistou sua autonomia:²

Na idade escolar ela se desprende, também fisiologicamente, desse ambiente limitado. São suas próprias pernas que a conduzem para o mundo lá fora. O horizonte alargou-se e uma certa autonomia se manifesta nos movimentos, na silhueta e na expressão do rosto. Essa transformação fisiológica é relevante para a questão do ingresso na escola.

Até que essa transformação aconteça, o trabalho da criança sobre seu próprio corpo é incessante, ela é a escultora de seu corpo. A criança modela a si mesma por meio do movimento. Como educadores, não podemos esculpir seu corpo, mas podemos criar ambientes nos quais ela própria possa cumprir essa tarefa.

A escultura mais significativa que a criança faz não são seus castelos de areia ou a modelagem de bolinhos de barro, ou pão e biscoito – atividades que surgem espontaneamente – mas, sim, o que ela faz de seu próprio corpo. Toda matéria rígida precisa ser aquecida para ser

modelada. Um bom exemplo dessa afirmação é o trabalho do ferreiro que leva o ferro à incandescência para poder forjá-lo. No ser humano, é a febre que aquece a massa corpórea a ser modelada.

A criança modela a si mesma principalmente porque se movimenta e, ao movimentar-se, ela se aquece. Dependendo da qualidade da substância corpórea que a criança recebe por meio da hereditariedade, ela precisará aquecer-se mais ou menos.

Portanto, o grande trabalho executado durante a primeira infância é a modelagem do corpo, ou o que alguns autores, como Lievegoed, denominam de metamorfose do corpo. O trabalho realizado pela movimentação constante e persistente da criança tem seu ápice na conquista da postura ereta, a postura que modifica toda a relação do ser humano com o mundo e transforma também seu corpo todo. O empenho persistente resulta nessa primeira conquista – o andar na postura ereta – que é a característica mais significativa do movimento do ser humano.

Esse processo de apropriação do corpo – um trabalho que ninguém pode realizar pela criança – é finalizado quando a criança modela a substância corpórea mais dura: dentes e ossos. Esse processo é um dos fundamentos da autonomia, a base sobre a qual um ser humano pode tornar-se livre. A criança, agora, vive em seu próprio corpo, que ela mesma edificou, e este se torna seu templo.

A ESTRUTURAÇÃO DA FALA

Quando a criança se coloca na posição ereta, sua boca muda da posição vertical para a horizontal, e assim não só a boca – que é a parte do aparelho fonador que percebemos sensorialmente –, mas todo o aparelho fonador ganha uma nova relação com o espaço, a partir da postura ereta. O movimento do corpo como um todo, que acontece no espaço físico, se interioriza para sonorizar.

A imitação da expressão fisionômica é o primeiro contato que o bebê estabelece com outro ser humano e torna-se decisivo para a aquisição da fala. Crianças que ouvem a voz humana em aparelhos – como celulares, microcomputadores, *tablets* – com muita frequência retardam esta aquisição, pois a apreensão da expressão fisionômica é anterior à compreensão da expressão oral. A partir da neurociência, sabemos que a maturação dos neurônios começa a ativar-se a partir da percepção da expressão fisionômica.³ A voz humana, que é percebida por meio de aparelhos, não contém a interação social presente na linguagem fisionômica. Portanto, pode-se dizer que ouvir apenas o som gravado da voz humana prejudica a aquisição da fala.

A respiração, presente em todos os seres vivos, caracteriza-se pela troca entre o espaço exterior e o interior. Mas apenas o ser humano é capaz de desenvolver a fala

ao expirar. Ao falarmos, utilizamos órgãos do sistema respiratório. O primeiro som que a criança emite não é imitativo da fala dos que a circundam; na verdade, a criança começa imitando os sons que seu próprio organismo produz, e para isso precisa de sossego.

A estruturação da fala envolve condições corporais, tais como a mastigação; assim, as diferentes texturas e sabores dos alimentos estimulam de formas variadas os pontos de articulação dos fonemas— o doce, a parte anterior da boca; o amargo, na parte posterior. Se a criança for exposta a refeições desordenadas, apressadas, não compartilhadas pelos educadores, o processo de estimular a fala por meio da mastigação encontra muitos obstáculos. Nesse sentido, a refeição requer determinadas condições: tempo, calma, companhia suficientes para que a criança possa saborear, mastigar e conversar.

As facilidades em todos os níveis dificultam as conquistas. O uso da mamadeira por tempo demasiado impede que a criança estimule as papilas gustativas, que ela deguste o que ingere, que diferencie os sabores; além disso, altera a formação dos maxilares. As papinhas processadas não permitem a vivência da textura dos alimentos, assim como açúcar e sal em demasia deterioram o sentido do paladar, uma vez que impedem a identificação de outros sabores.

Podemos identificar uma polaridade na articulação dos fonemas: nas vogais o som se forma de dentro para fora, inicia aberto no “A” e segue fechando até afunilar no “U”. Nas consoantes, o som é articulado a partir do lábio, o ponto mais exterior do aparelho fonador. De início, as crianças articulam as consoantes labiais, como o “M”, “B” e “P”, até chegar às mais profundas, as guturais “G” e “Q”. Toda a exercitação necessária envolve trocas: o ar que é inspirado e expirado; ouvir para falar; acolher a expressão do outro e expressar-se.

A criança conquista a fala após longo processo, permitindo assim uma nova relação com outros indivíduos. Podemos dizer que, a partir da aquisição da fala, o movimento corpóreo que acontecia no espaço físico torna-se movimento no espaço social.

IMITAÇÃO: A AQUISIÇÃO DA MEMÓRIA CORPORAL

A criança possui, ao nascer, a capacidade de sucção como meio para se alimentar. O bebê esperneia, suga, executa movimentos que evidenciam a luta para fazer a integração com seu corpo, sua nova casa. A criança aprende a transformar movimentos aleatórios e reflexos em movimentos ordenados e com essa atividade mostra que possui vínculos com o mundo. Constatamos pela observação atenta que, ao imitar, a criança se expressa inicialmente por meio de gestos e expressões fisionômicas. E, para imitar, ela precisa não apenas perceber o que está acontecendo

diante dela, mas também vincular-se ao que foi percebido.

Repetir o que é assistido na TV não é imitação autêntica, pois não passa pelo processo de atribuição de sentido e significado. Ao imitar o que percebeu por meios eletrônicos, a criança expõe algo que a está intoxicando, gerando desconforto; o processo criativo que transforma o modelo não acontece nessa repetição; é como um regurgitar. Além dos exemplos oferecidos pelo ambiente, a criança precisa estar interiormente fortalecida para vincular-se autenticamente e, aí sim, poder imitar. O calor humano do ambiente é a condição que possibilita a imitação da criança. O educador, como parte central do ambiente, não pode ser alheio, indiferente ao processo de conquista de todas as habilidades da criança, pois seu entusiasmo é uma fonte de calor que irradia para todo o espaço educativo. Durante o primeiro setênio, o educador apresenta o mundo gestualmente para a criança. São apenas seus gestos consequentes que a criança apreende ao imitar. Os gestos consequentes estão em todas as atividades humanas primordiais. Assim, jardinar, cozinhar, lavar, limpar etc. são atividades inerentes ao espaço educativo durante a infância.

A criança desenvolve a linguagem expressiva por meio do gesto, da fala, do desenho ou do movimento. Podemos, portanto, chamar de “memória corporal” a imitação que caracteriza todo o aprendizado no mesmo setênio; esta memória corporal transforma-se, no decurso desse período, na capacidade de memória representativa.

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR LIVRE PARA A CRIANÇA

“O brincar é o último reduto de espontaneidade que a humanidade tem”.⁴ Crianças pequenas brincam consigo mesmas, pois precisam habitar suas “casas”. A frase “empresete para seu amiguinho” não faz sentido para a criança de até três ou quatro anos. Nesta época, é lícito ser egoísta. A vivência de grupo característica do primeiro setênio surge quando as crianças conquistam a possibilidade de planejar a brincadeira. Então, elas compartilham autenticamente com todos que tenham a mesma intenção, o mesmo objetivo. Atualizam sempre, e de novo, as regras da brincadeira, buscando o que é necessário para sua realização. Dessa forma elas nos ensinam como viver socialmente.

Quando as crianças conseguem planejar juntas a brincadeira, a vivência de si mesmas amplia-se, torna-se “nós”. Quem não puder exercitar por conta própria, pon-do em prática aquilo que planejou espontaneamente, terá mais dificuldade de fazê-lo ao longo da vida adulta. As dificuldades para “entrar na casa” que é o corpo podem se transformar nos motivos pelos quais as crianças acabam por permanecer no egoísmo inicial. Por outro lado, quem habita a casa mais vagarosamente, pode conquistá-la mais plenamente e tornar-se mais sociável.

Chegar à escolha do alvo da brincadeira evidencia uma característica essencialmente humana. A intencionalidade, tão prezada por todo ser humano no âmago de seu ser, é o que nos torna capazes de decisões. Brincar desta maneira dá ao ser humano a oportunidade de exercitar decisões a partir de si, pela primeira vez em sua vida.

Esse exercício, como tudo o que a criança conquista durante o primeiro setênio, exige muita repetição, e para isso é necessária a perseverança, característica própria de uma criança saudável nesta faixa etária. Se nos dois últimos anos do primeiro setênio, ela deixar de exercitar a intencionalidade para iniciar o aprendizado escolar, lhe é tirada a oportunidade única de praticar a decisão, cuja habilidade certamente lhe será cobrada ao longo da vida.

Há um âmbito da inteligência ligado à necessidade humana de ter propósitos na vida; ele norteia nossas ações, estimula a solução de problemas e está vinculado aos valores éticos que se desenvolvem a partir do ambiente educativo.

O brincar livre se constitui em grande desafio para os educadores dos primeiros sete anos de vida, pois estes devem interferir o menos possível nessa atividade que é inerente à criança. Pela atividade própria a criança desenvolve a habilidade corporal, social e de aprendizado. Durante o ensino fundamental, a criança olha para o professor e percebe que ele sabe o que ela não sabe: ela quer seu direcionamento, sua interferência. No período da educação infantil, a criança está entregue ao ambiente do qual os próprios educadores fazem parte. A criança imita na medida em que se identifica com algum aspecto desse ambiente.

O poeta alemão Rainer Maria Rilke descreve a necessidade do ambiente escolar tornar-se mais vasto, profundo e humano, onde "há tempo e silêncio e espaço; tempo para todo o desenvolvimento, silêncio para toda a voz, espaço para a vida inteira e todos os seus valores e coisas".⁵

MEMÓRIA REPRESENTATIVA

A memória é um mistério que nos coloca em relação com a própria individualidade. No início da vida apenas nos lembramos quando estamos diante de um objeto ou local que evoque experiências vivenciadas a partir deles. Esta primeira forma de memória exige a presença do objeto e nos indica que a criança, também do ponto de vista da lembrança, ergue sua conquista a partir da vivência sensorial direta. O manuseio dos objetos, o som percebido, o olfato, o paladar caracterizam nossas mais remotas memórias de vida.⁶ Muitos autores matizam essa primeira lembrança, como a escritora britânica Doris Lessing:⁷

Ela era muito bonita, mas só queria saber de cavalos e bailes. Esse era o refrão com que minha mãe pontuava

todas as suas histórias da infância e só muitos anos depois é que me ocorreu pensar: 'Espere aí, mas ela está falando da própria mãe'. Não, isso era o que ouvia dos criados, porque inconscientemente assumia os mesmos ares deles, sempre com um trejeito de censura na boca e uma fungada de desaprovação.

Em outro trecho:

Uma criaturinha minúscula no meio de gigantes fedorentos passando descuidados, a pisotear e derrubar tudo, a se aproximar com um carão feio e peludo, mostrando os dentes sujos, enormes. O pé que você vigia o tempo todo, enquanto tenta se proteger dos demais perigos, tem quase seu tamanho. As mãos que usam para pegar você são bem capazes de sufocar. Os aposentos por onde você circula, a mobília entre a qual se move, janelas, portas, é tudo imenso, não há nada de seu tamanho, mas um dia você vai crescer e alcançar a maçaneta da porta ou o puxador do armário. Essas são as verdadeiras memórias da infância e qualquer outra que o ponha na mesma altura dos adultos é invenção posterior. A verdade sobre a infância é intensamente física.

E mais adiante, a autora ainda relata:

Minha primeira lembrança, de quando tinha menos de dois anos, é a de um enorme e perigoso cavalo, lá no alto, lá em cima, e sobre ele meu pai, ainda mais alto, cabeça e ombros quase perto do céu. Lá está ele com sua perna de pau sempre debaixo da calça, um objeto oculto, rígido, escorregadio. Estou tentando não chorar enquanto sou erguida por mãos firmes, que me apertam, e posta na frente do meu pai, alguém me dizendo para segurar na sela, uma protuberância áspera que só esticando bem os dedos era possível agarrar. Estou rodeada pelo calor do cavalo, pelo cheiro do cavalo, pelo cheiro de meu pai, todos eles cheiros quentes e penetrantes. Quando o cavalo se move, é com um sacolejo brusco e eu recosto cabeça e ombros em sua barriga e sinto as tiras duras do arreio de perna de pau. Meu estômago está dando voltas por causa das ondulações do chão, agora tão distante de mim. Essa é uma lembrança real, violenta, malcheirosa – física.

Em seguida, as vivências vão se interiorizando e a criança torna-se capaz de fazer relatos. Ao fazer seus relatos, brinca com a sonoridade das palavras e memoriza com muita facilidade parlendas, quadras e canções, porém ainda não consegue precisar o momento do acontecimento. E, assim, pode ser que ela conte: "amanhã eu fui à

praia". À medida que a linguagem oral se aprimora, torna-se o maior instrumento de expressividade, impulsionando também a expressão das lembranças, que, por sua vez, favorecem a busca por uma linguagem mais ampla, clara, e assim, com expressividade crescente. Se a criança ouviu relatos, contos, poemas, chegará o tempo em que ela será capaz de recontá-los mesmo sem tê-los vivenciado sensorialmente. A criação desse espaço interior é muito importante para reter o aprendizado. Se isso não acontecer no período da infância, dará origem a dificuldades para o desenvolvimento de um discurso expressivo, um grande déficit para todos os aprendizados posteriores.

Podemos, portanto, caracterizar a memória representativa como aquela que lida com o fluxo temporal e que tem a linguagem oral como suporte. A criança também direciona a intenção no brincar quando ela tem um objetivo para a sua atividade, pois esse objetivo advém da possibilidade da criança representar internamente vivências anteriores. É dessa forma que a criança conquista o instrumento para a vida cognitiva.

LINGUAGEM E EXPRESSIVIDADE

A criança desenvolve a linguagem expressiva por meio do movimento, gesto, fala e desenho. Nossa intimidade é o ponto a partir do qual falamos e somos ouvidos; e, se somos acolhidos pelo outro, formamos um caminho cíclico de troca. Podemos dizer até que, ao dialogar, ao conversar com alguém, entramos em contato com o mundo espiritual mais próximo de nós: o outro ser humano. Acolher o outro com o conteúdo que ele entrega ao falar e também – não menos importante – pelo tom de sua voz, exige silêncio interior. Inicialmente, a criança, que é tão aberta nos primeiros anos de vida, mais acolhe o que lhe vem ao encontro, e é impregnada pela sonoridade que está ao seu redor. Porém, assim como dependemos da respiração orgânica para falar, a linguagem precisa criar a ponte entre impressão e expressão. A memória e a linguagem estabelecem uma parceria que possibilita tanto nossa vivência enquanto indivíduos, como a capacidade de vínculo real entre as pessoas.

A criança conquista o desenvolvimento de habilidades sociais, já dissemos anteriormente, enquanto brinca, ao se ativar a partir de um objetivo comum. Entretanto, o âmbito das relações interpessoais tem seu fundamento decisivo na expressividade da linguagem. O desenho infantil é o primeiro registro pelo qual a criança se expressa: é como se ela mostrasse em suas primeiras linhas – as chamadas garatuja – como ela se movimenta para modelar-se. O educador que acompanha esse processo pictórico de expressão não ensina a desenhar, porém acompanha pelo desenho livre, espontâneo, o que a criança está fazendo de si mesma. A expressividade do desenho é consequência

da força descrita acima como plástico-pictórica, atuante desde a concepção do ser humano, e que tem sua origem na vida pré-natal.¹

A linguagem – como forma de interação humana – baseia-se na capacidade de ouvir e faz parte da força linguístico-musical, complementar à força plástico-pictórica. O ser humano desenvolve a força linguístico-musical durante sua vida toda, e a leva consigo para o futuro como entusiasmo para lidar com novos desafios.¹

HABILIDADE CORPORAL

Há dois tipos de habilidades corporais: a do corpo todo e a das mãos. Existem crianças hábeis no corpo e que não são hábeis nas mãos, e vice-versa. A liberação das mãos pela postura ereta é uma característica humana. As mãos humanas são retidas num estágio embrionário, não especializado, e assim elas podem conquistar as mais variadas capacidades. As mãos, sempre aptas a aprender em todo o decurso da vida, oferecem ao indivíduo a condição de eterno aprendiz. Diferente do movimento corpóreo em geral, o movimento das mãos não tem sua raiz apenas na capacidade motora, mas também está unido à capacidade de percepção, pois é possível acompanhar com outros sentidos – sobretudo com o da visão – o que é realizado com as mãos. O movimento das mãos também está vinculado ao sentimento, porque por meio dele é possível expressar a vida interior. Essa ampla possibilidade de escolha e a união dos três grandes sistemas corpóreos (o metabólico-motor, o rítmico e o neurossensorial) são aspectos que fazem das mãos a expressão corpórea da liberdade.

A leveza é a característica mais significativa a ser observada quando nos detemos diante da habilidade corpórea. Cada vez que a criança corre, salta, se movimenta com leveza, isso significa autonomia dentro do corpo, significa que a "casa" lhe pertence e que a criança está saudável dentro dela. Há, ainda, outra conquista que exige habilidade: cuidar-se; por exemplo, a capacidade para vestir-se, higienizar-se, comer, beber etc.

Quando a criança torna-se hábil em relação ao corpo, aprende a cuidar de si mesma, a reconhecer-se e a interessar-se pelo mundo. Convivendo com outras crianças menores, a criança pode tornar-se ajudante, cuidadora dos pequenos. Este é um exercício social importantíssimo que a prepara para o que será exigido dela tanto na escolaridade posterior, como em todo o decurso da vida: estar aberta a conviver com as diferenças de aptidões e talentos (Fig.1).

Martyn Rawson, professor Waldorf, indica a aceleração nos processos do primeiro setênio como causadora de dificuldades para a integração social. É especialmente no final desse período que aflora, ou deveria aflorar, a consciência social que será desenvolvida e lapidada durante todo o segundo setênio:

As forças de desintegração social e as pressões desde a tenra infância fazem com que muitas crianças, senão todas, sejam forçadas a desenvolver aspectos de sua personalidade muito cedo. Frequentemente, existem demandas para o desenvolvimento de sua intelectualidade e cognição, ao mesmo tempo em que a vida moderna enfraquece o desenvolvimento da vontade. Isto faz sua integração social mais difícil porque existem muito mais diferenças individuais no aprendizado. Isto faz com que a tarefa do professor de classe se torne incrivelmente difícil nas classes menores. Tais crianças, que acham difícil aprender a aprender em grupo, colocam cargas pesadas para os outros, que podem perder sua própria motivação e paciência mais cedo do que antes. As diferenças específicas de aprendizado das crianças devem ser diagnosticadas o mais cedo possível através de rastreamento e monitoramento. Devemos dar mais ênfase para o encorajamento de tarefas sociais durante os anos de jardim da infância, especialmente nos últimos três anos dos primeiros sete anos de vida. A consciência social deve ser adquirida através da imitação ao nível corpóreo, através da ajuda ao outro, a partilha, o cuidado, se quisermos prover uma base para o desenvolvimento da consciência social e posterior competência.⁸

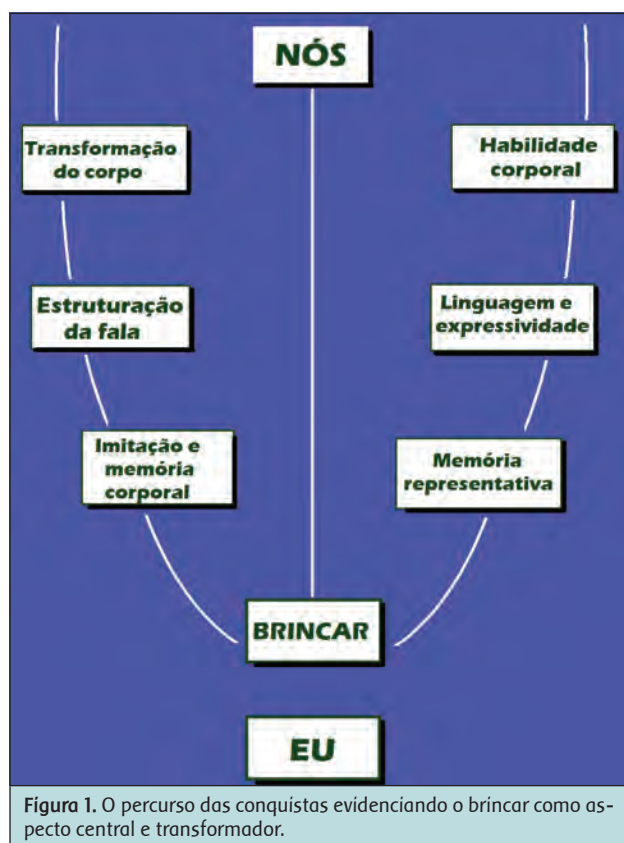


Figura 1. O percurso das conquistas evidenciando o brincar como aspecto central e transformador.

FORÇAS DA INFÂNCIA

Em todos os ciclos pedagógicos, Rudolf Steiner aborda a importância dessa passagem do primeiro ao segundo setênio. Em seu segundo ciclo de palestras para professores, na Inglaterra, em 1923, Steiner sustenta desta forma a sua abordagem:

Sem dúvida, está totalmente equivocado quem acredita que a força responsável pela segunda dentição, por volta dos sete anos, surja apenas nessa idade. Ela se desenvolve lentamente desde o nascimento, só que alcança seu auge por volta dos sete anos, fazendo com que os segundos dentes nasçam da força global da natureza humana. Ora, esse acontecimento é de importância tão extraordinária, em toda a biografia humana, porque agora não se trata mais de uma repetição; porque as forças atuantes entre o nascimento e os sete anos de vida – cujo ápice é constituído pela segunda dentição – não atuam mais no decorrer de toda a vida humana terrena até a morte.⁹

OBRA DE PORTINARI: PAINEL “PAZ”

Os dois monumentais painéis de Cândido Portinari, Guerra e Paz, nos impactam à primeira impressão. Porém, apenas quando nos ocupamos pacientemente com aquilo que vemos, é que formamos uma imagem que nos levará até a compreensão do humano inerente a essas obras.

Muito podemos haurir observando conscientemente estes painéis, e aqui nos referiremos apenas ao painel Paz, pois elucida o assunto abordado (Fig. 2). Por favor, antes de continuar lendo minhas considerações, busque perceber por si mesmo, com a atenção intensificada, características da obra: como as figuras se organizam na composição? Quais são as cores utilizadas? Como as formas se relacionam com as cores? E busque tudo o mais que for possível perceber sensorialmente. Por fim, se pergunte quais sentimentos essas percepções evocam.

Chama a atenção que Portinari edifica este painel como o indivíduo edifica sua própria vida: do brincar da criança ao trabalho do adulto. O artista torna visível o que aprendemos com Schiller – que afirma: “o homem só é inteiro quando brinca e é somente quando brinca que ele existe na completa acepção da palavra Homem”¹⁰ – e que Rudolf Steiner desenvolveu em sua obra pedagógica, nos vários ciclos de palestras para professores. Na parte inferior do quadro, o impulso lúdico é expresso por meio das mais diversas brincadeiras; na metade do painel, vemos exemplos de manifestações artísticas vinculadas à música: um coro e jovens dançando, indicando a vida social como a base da arte de viver; na parte superior, o trabalho significativo, o fruto da interação do ser humano com a terra: a colheita dos feixes de cereais. Portinari ainda coroa esses



Figura 2. O painel Paz caracteriza muitas facetas do desenvolvimento, que passam pelo brincar na vida infantil, a dança e a arte como expressões artísticas propícias à juventude, e o trabalho na vida do ser humano adulto. Fonte: Portal Portinari, disponível em <www.portinari.org.br>.

três aspectos com três crianças balançando, cada qual numa direção do espaço: frontal, horizontal e diagonal, indicando assim as três grandes possibilidades de expressão do ser humano. Será que essas três dimensões no espaço podem nos levar à percepção da vida humana? Este painel Paz é uma síntese grandiosa que nos leva a compreender o desenvolvimento humano desde a infância até a maturidade.

Declaração de conflito de interesses

Nada a declarar

Referências bibliográficas

1. Steiner R. Antropologia meditativa. 4a ed. São Paulo: Antroposófica; 1997.
2. Lievegoed B. Desvendando o crescimento - As fases evolutivas da infância e da adolescência. 4ª ed. São Paulo: Antroposófica; 2007.
3. Fuks T. The educator's view of the human being – consequences for schools and teacher education. In ENASTE (European Network for

4. Academic Steiner Teacher Education) Congress; 2013; Viena.
5. Hortélio L. Brincar é o último reduto de espontaneidade que a humanidade tem: entrevista com Lydia Hortélio. Revista Pátio Educação Infantil. 2003 (3): 21-24.
6. Rilke RM. Cartas do poeta sobre a vida. São Paulo: Martins Fontes; 2007.
7. Burkhard G. Biográficos – estudos da biografia humana. São Paulo: edição do autor; 2006.
8. Lessing D. Debaixo da minha pele – Primeiro volume de minha autobiografia, até 1949. São Paulo: Companhia das Letras; 1997.
9. Rawson M. Trabalho e aprendizagem. Periódico da FEWB. 2003(7):31-40.
10. Steiner R. A cultura atual e a educação Waldorf. São Paulo: Antroposófica; 2014.
11. Schiller F. A educação estética do homem. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras; 1995.

Avaliação: Editor e dois membros do conselho editorial

Recebido em 15/05/2015

Aceito em 04/07/2015